

As Variedades do Português e o Preconceito Linguístico em Moçambique

The Varieties of Portuguese and the Linguistic Prejudice in Mozambique

Amony da Flora Bonifácio Saulosse¹

Universidade de Rovuma

Resumo: O artigo investiga os discursos dos Tik Tok em Moçambique. O problema é a intolerância às variedades do Português Moçambicano praticadas por moçambicanos “cultores” da “norma culta”, o Português Europeu. A pesquisa partiu da questão: será que os discursos intolerantes às variantes do Português Moçambicano decorrem do Preconceito Linguístico? O objectivo geral foi de investigar os discursos do Tik Tok, em rigor analisá-los e discuti-los na perspectiva da Mitologia do Preconceito Linguístico. O estudo é embasado nos princípios da Linguística Cognitiva, Linguística Funcional, Linguística Funcional Centrada no Uso (TOMASELLO, 1998 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020) e na Mitologia do Preconceito Linguístico (BAGNO, 2007). O paradigma de pesquisa foi social, aplicada, exploratória e qualitativa, com o método de abordagem dialéctico e procedimento de estudo de caso. As técnicas de geração de dados foram a revisão bibliográfica, a observação simples e a análise de conteúdos. Os resultados mostraram que os discursos decorrem do preconceito social, da intolerância à fala característica da Região Norte de Moçambique e da influência do ensino da língua que obriga o indivíduo a pronunciar como se escreve.

Palavras-chave: Português Moçambicano; Português Europeu; Preconceito Linguístico; Tik Tok.

Abstract: The article investigates Tik Tok discourses in Mozambique. The problem is the intolerance towards the varieties of Mozambican Portuguese practiced by Mozambicans “cultivators” of the “cultured norm”, European Portuguese. The research started from the question: do the intolerant speeches regarding the varieties of Mozambican Portuguese result from Linguistic Prejudice? The general objective was to investigate Tik Tok discourses, strictly analyze and discuss them from the perspective of the Mythology of Linguistic Prejudice. The study is based on the principles of Cognitive Linguistics, Functional Linguistics, Use-Centered Functional Linguistics (TOMASELLO, 1998 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020) and the Mythology of Linguistic Prejudice (BAGNO, 2007). The research was social, applied, exploratory and qualitative, with a dialectical approach and case study procedure. Data generation techniques were literature review, simple observation and content analysis. The results showed that the speeches stem from social prejudice, intolerance to the variety characteristic of the Northern Region of Mozambique and the influence of language teaching, which obliges the individual to pronounce according to spelling.

Keywords: Mozambican Portuguese; European Portuguese; Linguistic prejudices; Tik Tok.

¹ Doutorando em Letras e Linguística (PPGLL-UFG), Mestre em Educação / Ensino de Português (UPM). Professor na Universidade Rovuma – Moçambique. Área de interesse: Linguística Cognitiva; Linguística Aplicada e Linguística Funcional Centrada no Uso. Co-coordenador do Núcleo de Pesquisa Leitura e Escrita em Línguas Estrangeiras (LELE) no ISTLT. E-mail : adfbsaulosse@gmail.com . Lattes : <http://lattes.cnpq.br/2184336151044910>. ORCID iD: <http://orcid.org/0009-0001-0615-1470>

Recebido em 24 de agosto de 2023.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

Considerações iniciais

Este artigo investiga os discursos dos Tik Tok em Moçambique. Moçambique é um país multilíngue, com mais de vinte línguas nacionais de substrato Bantu (BAMBO, 2022; FERRÃO, 2002; GONÇALVES, 2010; TIMBANE; BERLINCK, 2012), constitucionalmente valorizadas como património cultural e educacional pelo Estado, para o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade. Apesar da constitucionalidade que as resguarda, na República de Moçambique a Língua Portuguesa é a Língua Oficial (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2004), concorrente das diferentes línguas moçambicanas de substrato bantu como «língua oficial, língua segunda, língua nacional» (TIMBANE; BERLINCK, 2012, p. 207). O primeiro estatuto da Língua Portuguesa, Língua Oficial, «prende-se, em primeiro lugar, com as suas potencialidades como língua “operacional”²» (GANHÃO, 1979 apud GONÇALVES, 2010, p. 31), em segundo lugar, prende-se com o facto de este «estar associado a um poder “socialmente distintivo”, constituindo a única língua que pode agregar falantes – a elite escolarizada – localizados em todas as regiões do país» (FIRMINO, 2002, p. 115 apud GONÇALVES, 2010, p. 31). O problema é a intolerância às variantes do Português Moçambicano praticada por moçambicanos que supervalorizam a “norma culta”³ do Português Europeu. A pergunta de partida é: será que os discursos que não toleram as variantes do Português Moçambicano no Tik Tok decorrem de Preconceito Linguístico? Para responder a esta pergunta serão pesquisadas questões como: (1) que Preconceito Linguístico decorre do preconceito social; (2) como o Preconceito Linguístico decorre da intolerância da fala característica de certas regiões de Moçambique e (3) em que medida o Preconceito Linguístico é influenciado pela

² «que garante a unidade nacional e permite, de forma mais eficaz do que as línguas bantu locais, a comunicação internacional e a transmissão do conhecimento científico» (GONÇALVES, 2010, p. 31).

³ «O termo é usado pela tradição gramatical conservadora para designar uma modalidade de língua que não corresponde à língua efetivamente usada pelas pessoas cultas [...] nos dias de hoje, mas sim a um ideal lingüístico inspirado no português de Portugal, nas opções estilísticas dos grandes escritores do passado, nas regras sintáticas que mais se aproximem dos modelos da gramática latina, ou simplesmente no gosto pessoal do gramático» (BAGNO, 2007, p. 108), um elemento de dominação por parte dos letrados sobre os iletrados (BAGNO, 2007).

tendência de ensino da língua que obriga o indivíduo a pronunciar como se escreve? O estudo teve como objectivo geral: investigar os discursos dos Tik Tok. E os objectivos específicos: (1) analisar os discursos dos Tik Tok na perspectiva do Preconceito Linguístico; (2) discutir sobre os discursos dos Tik Tok na perspectiva do Preconceito Linguístico.

O problema do Preconceito Linguístico não é novo se considerarmos as discussões sobre as variantes não nativas das línguas coloniais (WILLIAMS, 1987 apud GONÇALVES, 2010), onde essas variantes eram discriminadas negativamente, por emergirem em sociedades coloniais, fortemente marcadas por preconceitos socioculturais e também raciais, consideradas subprodutos das línguas coloniais, ou seja, como línguas imperfeitas geradas pelos colonizados incapazes de aprender o padrão europeu na sua plenitude, as inovações fonéticas, lexicais, morfológicas, sintácticas eram alvo de atitudes negativas, por parte dos supostos representantes do padrão europeu e pelos próprios membros das comunidades em que estas variedades emergiam (GONÇALVES, 2010). Em relação à temática «Preconceito Linguístico» em Moçambique, tivemos acesso à Dias (2009), o artigo «A norma e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos Meios de Comunicação de Massas», advoga que os média defendem a “norma culta” da língua favorecendo, por um lado, o preconceito linguístico em relação às variantes não-padronizadas e, por outro lado, em simultâneo, combatem o preconceito linguístico ao usarem diferentes variedades dialectais da mesma língua. Em seu blog(eu) intitulado «Discutindo Linguística e Educação em África», Timbane (2013) publicou o artigo «Preconceito Linguístico em Moçambique», uma crítica aos artigos extraídos do jornal «Notícias» (de 8 e 9.03.2013), da autoria do Docente e Eticista Salomão Vicente Matosse, que relatam casos de desvio “à norma padrão europeia” e não toleram nenhuma variação. O crítico sublinha que as línguas não são entidades prontas nem estáticas. Elas variam e mudam tendo em conta as variáveis linguísticas e sociais, fato que não é tolerado nestes artigos. Factos que não são tolerados nos artigos criticados. Timbane (2019) em um *Conference paper* com o título «a influência da política linguística nas desigualdades sociais em Moçambique: opressão, exclusão e preconceito linguístico» advoga que a falta de políticas linguísticas e públicas nos PALOP provoca preconceito linguístico, desvalorização das línguas autóctones e redução do número dos seus falantes e que a língua constitui um património cultural de todos os povos do mundo, não interessa o grau de escolaridade dos falantes, do grau de civilização, nem das crenças e culturas praticadas

e a valorização do português e o preconceito linguístico segregam e excluem quem “não conhece” a norma-padrão, desigualdades sociais pelas limitações linguísticas são mais evidentes em Moçambique. O plurilinguismo não deve constituir problema para os moçambicanos, mas sim uma solução. Precisamos observar como essa língua é hoje, descrevendo e analisando as variedades do português sem preconceito. Bambo (2022) em seu artigo científico intitulado «A troca de consoantes oclusivas orais no Português de Moçambique por falantes nativos do Emakhuwa», não discutindo propriamente o Preconceito Linguístico, mas a analisar a realização das consoantes oclusivas pelos falantes nativos da Língua Emakhuwa, um dos traços distintivos entre os falantes das variantes do Português Moçambicano. A autora distingue *realização correcta* da *realização incorrecta* de consoantes oclusivas orais usando como referência o PE (grifo nosso), por influência considerável do meio linguístico em que o sujeito se encontra, um meio que, segundo a autora, «constituído maioritariamente por pessoas que mal pronunciam as consoantes [...] devido à influência de factores sócio-culturais» (2022, p. 137), os mesmos factores que influenciam para «a troca das consoantes [+voz] por [-voz]» (BAMBO, 2022), facto que resulta da ausência de consoante oclusivas orais [+voz] na Emakhuwa, «o que contribui para que falantes dessa língua não realizam essas consoantes de acordo com o PE» (BAMBO, 2022). A pesquisa que apresentamos tem o mérito de discutir o preconceito linguístico veiculado pelos média, rede social Tik Tok, em Moçambique, facto que os estudos aos quais tivemos acesso não fizeram.

As línguas bantu de Moçambique estão em contacto com a língua portuguesa desde que os portugueses, colonos, desembarcaram em África, no espaço geográfico que hoje é Moçambique. Este contacto das línguas (as de substrato bantu e a portuguesa) condicionou interferências mútuas, de ordem semântica, fonética e morfológica. O bilinguismo que, em geral, resulta destes contactos é uma riqueza para o multilinguismo. O multilinguismo caracteriza Moçambique com ressalva Constitucional. As diferentes sociedades que compõem o país, constituídas Nação pela Língua Portuguesa, desde a fundação da Frente de Libertação de Moçambique, em 1962, e constitucionalmente, em 1975, agora enfrentam um novo problema: o Preconceito Linguístico, fundado nas variantes do Português Moçambicano, resultante dos seus contactos com as línguas bantu de Moçambique, que se afasta, como é natural, da “norma culta” ditada pelos parâmetros do Português Europeu. Os moçambicanos convivem com epítetos preconceituosos como “aquele não sabe falar português”, facto que diminui a sua auto-estima, torna-os

alunos/estudantes/professores introvertidos, etc., porque o indivíduo em questão fala Português Moçambicano com traços distintivos de sua região, província, distrito em relação à «norma culta⁴». Julgamentos fundados em mecanismos de exclusão social. Foi isso que despertou a minha curiosidade e motivou a realização desta pesquisa. Ao quadro teórico a que está atada esta pesquisa, o artigo poderá auxiliar no conhecimento/redefinição do problema configurado na intolerância às variantes do Português Moçambicano e, na prática, aos sujeitos intolerantes, poderá proporcionar mudanças que levam a uma visão multilingue da convivência entre as variantes do Português Moçambicano.

O quadro teórico é atado aos princípios da Linguística Cognitiva, especificamente a Linguística Funcional, que concebe a língua como um instrumento de interacção actualizada no uso (CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020), ou seja, Linguística Funcional Centrada no Uso (TOMASELLO, 1998 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020) um casamento que se dá entre o conjunto de fenómenos associados à teoria da gramaticalização funcionalista e a teoria da construção gramatical dos cognitivistas (MARTELOTTA; ALONSO, 2012 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020). A nossa abordagem está interessada nos estudos orientados para a investigação dos condicionamentos cognitivos e discursivos das variantes gramaticais (NOGUEIRA, 2006 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020), fundada na premissa básica de que «a língua é um instrumento modelado pelo uso, e que o componente pragmático deve ter primazia sobre os demais, determinando as escolhas linguísticas» (CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 105). Cavalcante, Silva e Oliveira (2020, p. 130) advogam que «os fatores semânticos e pragmático-discursivos seriam os responsáveis por novos padrões gramaticais, a fim de satisfazer certas demandas comunicativas», padrões que, de acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 20) apud Cavalcante, Silva e Oliveira (2020, p. 130), «tendem a caminhar da eventualidade discursiva para a regularização estrutural mais previsível.» Os autores que temos vindo a citar, advogam que, «no plano formal, ocorrem processos de mudança

⁴ O «domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto, que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos, que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente, a uma pessoa que viva numa zona rural onde um punhado de senhores feudais controlam extensões gigantescas de terra fértil, enquanto milhões de famílias de lavradores sem-terra não têm o que comer» (BAGNO, 2007, p. 70).

relacional entre os signos e o consequente remodelamento da construção na qual eles interagem» (2020, p. 130). No «remodelamento, verificam-se as perdas de material fônico e as reconfigurações das fronteiras entre constituintes silábicos, morfológicos e lexicais» CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 130). São as perdas de material fônico e as reconfigurações das fronteiras entre os constituintes silábicos, morfológico e lexicais que constituem alvos e instrumentos de exclusão social perpetuada por aqueles que supostamente falam o português padrão “ideal”, o Português Europeu. Como se isso fosse possível! Verificamos que constituem residuais de «atitudes negativas, quer por parte dos falantes nativos do padrão europeu [...] quer pelos próprios membros das comunidades» (GONÇALVES, 2010, p. 14) falante(s) da(s) variante(s), ignorando o «fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico» (BAGNO, 2007, p. 52). Na mitologia do preconceito linguístico parece haver uma forte tendência a lutar contra as diferentes formas do preconceito mostrando que resultam de ignorância, intolerância ou da manipulação ideológica desses autores (BAGNO, 2007). Quanto à mercantilização ou comercialização das injúrias contra as variedades do Português, hoje em dia fazem «sucesso na televisão, no rádio e em outros meios de comunicação, transformando essa suposta “dificuldade” do português num produto com boa saída comercial» (BAGNO, 2007, p. 38). Sob a óptica do preconceito linguístico, «qualquer manifestação lingüística que escape [do] triângulo escola-gramática-dicionário é considerada [...] errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente» (BAGNO, 2007).

O Tik Tok é um aplicativo de média para criar e compartilhar vídeos curtos, de 15s., 60s. ou 3min. com amplos recursos para editá-los. É uma rede social jovem, com usuários, em geral, com menos de 30 anos. Os principais mercados do aplicativo são a Índia e os Estados Unidos. Surgiu em 2014 com o nome de Musical.ly. Em 2017 *ByteDance* (dona da Douyin que circula na China) comprou a Musical.ly e se tornou Tik Tok, para ser um aplicativo difundido internacionalmente. Em 2019 o aplicativo foi baixado 750 milhões de vezes (FELIX, 2020). Bagno (2007, p. 76) resolveu «chamar de comandos paragramaticais» a todo arsenal que compõe o quarto elemento (oculto) do círculo vicioso (ensino tradicional-gramática tradicional-livros didáticos) que envolve manifestações da multimídia (BAGNO, 2007), «que tentam preservar as noções mais conservadoras do “certo” e do “errado”» (2007, p. 150) e «conseguem transformar esse

folclore lingüístico em bens de consumo que lhes rendem muito lucro financeiro, além de fama e destaque na mídia» (2007, p. 168).

A seguir das considerações iniciais, apresentamos o desenho da pesquisa, que consiste na descrição da metodologia científica utilizada para o embasamento teórico e estado da arte do tópico pesquisado neste artigo, a geração dos dados empíricos e a análise e discussão dos dados; na sequência são apresentados os dados gerados a partir do aplicativo da rede social Tik Tok, no Preconceito Linguístico na rede social, e a sua discussão, os bantu no Português moçambicano: *Quid* Multilingüístico. A finalizar, as considerações finais, com base nas inferências resultantes da discussão dos dados gerados a partir do aplicativo da rede social, as referências usadas e citadas neste artigo.

1. Metodologia de pesquisa

A pesquisa é social, porque permite conhecer a realidade social relacionada ao Preconceito Linguístico em Moçambique, com interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos, visando desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias a partir da formulação do problema de intolerância às variedades do Português Moçambicano ou hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores (GIL, 2010). O paradigma é qualitativo, os dados foram gerados, fundamentalmente, através da observação, com o objectivo de explorar o fenómeno Preconceito Linguístico na rede social, com o aplicativo Tik Tok, de forma holística no seu contexto de manifestação. O método de abordagem é de lógica dialéctica, a negação conduz a um desenvolvimento (ENGELS, 1974 apud GIL, 2010). O método de procedimento foi o de estudo de caso (YIN, 2005 apud GIL, 2010). Em rigor, usado para explorar a situação da vida real, o Preconceito Linguístico, cujos limites da intolerância às variedades do Português Moçambicano não estão claramente definidos no contexto, rede social aplicativo Tik Tok, em que ocorrem. A observação simples serviu para geração de dados a partir do aplicativo Tik Tok da rede social. Esta técnica possibilitou a obtenção de elementos para a definição do problema desta pesquisa. Foram observados 16 produtores/editores de vídeos curtos, de nacionalidade moçambicana: quatro mulheres e 12 homens, com idades compreendidas entre 15-45 anos. Os sujeitos são fazedores de conteúdos na rede social com o aplicativo Tik Tok, com comportamentos sociais que não toleram às variantes do Português Moçambicano, utilizam o Português Moçambicano da Região Norte, imitando músicos e indivíduos entrevistados por jornalistas, e não só, em diferentes ocasiões da

vida quotidiana, para criar paródias sarcásticas, irónicas e jocosas às custas do modo como os Moçambicanos do Norte falam o Português Moçambicano. Foram observados 44 vídeos com a duração mínima de 08s. e máxima de 01:22s., publicados no período compreendido entre os anos 2020-2022. Foram 1.451s de vídeos, aproximadamente 24min., com 210.396 curtidas, 4.972 comentários e 21.271 partilhações. Pode ver, na secção 3 deste artigo, a transcrição literal dos conteúdos dos vídeos. A revisão bibliográfica possibilitou tomar conhecimento sobre o fenómeno Preconceito Linguístico dentro e fora do contexto em que este artigo investiga. As fontes consultadas facilitaram a adequação e a contextualização do Preconceito Linguístico: as suas diferentes formas de ocorrer nas sociedades e como estão os esforços para as soluções. A grafia das diferentes línguas bantu de Moçambique neste artigo está de acordo com a «Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: relatório do III seminário» (NGUNGA; FAQUIR, 2011). A análise de conteúdos permitiu tratar e analisar as informações constantes em 44 conteúdos, da rede social, no aplicativo Tik Tok, sob forma de discursos pronunciados em linguagem oral.

2. O Preconceito Linguístico na rede social Tik Tok

Nesta secção analisamos os dados gerados a partir do aplicativo da rede social Tik Tok. Em função dos dados gerados criamos três categorias distintas, o critério para a distinção das categorias foi o tipo de preconceito observado e, em relação a área da gramática, são fonéticos, basicamente, os sons da fala nas perspectivas articulatória (o modo como os sons, consoante e vogais são produzidos pelos sujeitos), acústica (a propriedade física dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte) e perceptiva (a forma como os sons são recebidos e interpretados pelos ouvintes): (1) discursos que decorrem do preconceito social; (2) intolerância a fala característica do Português do Norte de Moçambique e (3) influência do ensino que obriga o indivíduo a pronunciar como se escreve. Foi um desafio transcrever com fidelidade a tentativa de representar a oralidade expressa nos diferentes vídeos observados. Mas tudo foi feito para garantir o máximo de aproximação possível da realidade observada no Tik Tok.

Alcy Caluamba (AC), de 2020-2022, da sua produção observamos 14 vídeos:

AC – Eu fica taqui, eu múzico taqui, tudo me conhecem (coro: tudu me conhecem, tudu me conhecem), meu mãe me conhecem, minha pai me conhecem, naoquem qui não me conhecerá, eu te conhecerá, província de Nampula.

AC – ontem tava turrumiri num sofá em caça ta minha socorra tirrepente khove me subiu, me subiu turrumim, turrumim, turrumim, turrumim comecei a sonharri, turrumim turrumim turrumim, sape papo terrepente comecei a sonharri com as coisas que eu nunca esperava na vita ter carro de luxu comecei a sonharri te novo eu a ser um latorão a ropar muito tinhero aquela coisa me tiquiniho será que quer ser fertate na vita eu nunca ropei isso te lohar a ropar é o quê? Isso te sonhar eu a ter carru será que é o quê? Será que foi um sonhu será que quer me acontecer isso te sonhari eu a ter um carru.

AC – Au! Eu naé esse que está aqui? Esse latu? Acora você é você que está aqui!

AC [diálogo com um amigo, aqui chamamos de B] – A primeira coiça você não pote tiscutir comicu! B – o quê que foi, você não toma panho! AC – cala poca! B – já calei! AC – está me cherar! B – você que está cherar você não escova teus dentes! AC – ... senão prestá manda fumar você! B – nem purtuquegi não sabe falari você nunca studou não vala pena você é um feio ... anda que nem um patu! Naculutu!

AC – não volta pra mim amor, não volta pra mim amoreee, já tinha te falatu você na pote voltar comicu, te texei a muito tempo acora vaiz pra onte já te falei foice meu amor, ai, quem te encanom a voltar comicu, não volta pra mim amor não volta pra mim amoreee.

AC [diálogo com uma amiga, aqui chamamos de F] – por isso, eu memo epa, não xtou aguentar com o deu stile du me teixas doito crwesi ... F – Ok! Ok! não precisa prolongar mais ... desculpa, tanks pelo elogio mas ... AC – mas mas o que que se passa, ahm? F – Obrigada pelo elogio mas ... AC – Eu xtou abaixonada, ahm! Esdou abaixonada bela tua pissoa, tas ver nem? F – Heee pena que eu não posso dizer o mesmo ... AC – É benas que você não botis falar o mesmo mas eu já fualei, me custou muito, mas te fualei, acora você porque que não aceita? F – Porque eu não gosto de ti, não gostei e tenho namurado ... AC – Ah ... quem ti tisse que você não gosta te mim? F – Eu é que estou a dizer, eu ... AC – Se não xtou a ver nata ... F – Sim tu não vês ... AC – Mas é bosso ver que aí você tambe costas te mim porque não é bussivel eu só sozinha gostar de você ... F – É possível pergunta as outras pissoas ... AC – Ma nata não agardito, mas ta bhe vucê tamb eu já vi que xtas a ma xterssar nu me queris bem mas eu sei que você mi gueris porque eu ti gueru, não é pussivel meu avo já me fualou que quantu vucê gostas de uma pessoa essa pessoa tampem ti gosta ... F – Então fica com o teu avo que gosta de ti eu não gosto ti ciao ... AC – Também você não começa insultar meu avo oviste nem, porgue vucê não és punida não cagas refresco, oviste nem ...

G [diálogo com uma amiga, aqui chamamos de G] – Tudo e contigo ... AC – Eu estou bem, mas epá ... eu estou muito epi por te ver magi eu custaria de levar um smol papu cum vucê! G – O quê? AC – Eu pricisiu conversar contigo porque eu acho que quando ti vi meu curação palpitou por ti, então eu preciso falar algumas coisas que quartu lá no funtu do meu curação e não feju comu expulsá-los ... G – Eh não procura outra ... AC – Esbera aí será que eu putia te plemenus fualar aquelas palavras tocis que ... G – Não precisa já ouvi ... AC – São coisas te romanci percebeis nem é que ... G – Nem procuras saber se eu tenho namorado ... AC – É ... eu não berciso de deu namoratu porque se percisiu de teu namoratu é claru que fualaria cum ele tireitamende mas acora só briciso te vucê porque tu é linta bastante mesmo e dotus pissoas te lá nu meu paio fualam tisso e iloxiam pastante a tua pelesa é mais pela que a naturessa ...

AC – Se você licas e eu não atentu pensas que xtou inconorar ... é porque estou a inconorar pem mesmo ...

AC [dueto com um amigo, aqui chamamos de H] AC – meu benexi ... H – Todas ratas eu matu com raterxi ... AC – Caluma meu chefi ... H – Eu tou a fechar tota sona tipo tiefi

... AC – Muita chenti sapi eu não princu ... H – To na orelha tipo eu sou princu ... AC – Eu dou em cima tipo cinco ... H – Eu te encomo sais finco ... AC – Putu suju eu le limpu... H – Eu sempre tou limbo limbo... AC – Ai manu zintu muito... H – Ai mana vem tançar...

AC – Hoje vo te assustar com a minha voji roca, hoje quero te pecar até ficares loca, eu so puto onelini benexi, nu me chama, porque to a viri, quero te picar tipo piripiri, não vou te chapari tipo viri viri, bem vintu no meu suit checa gira um pouco queru te verri.

AC – Estou com sautades queru de ver a secunta vegi eu não heide ir pra caça você sem chegar oviste um bunitinho você lábios chiques e a minha menina não aqueita contico nem pra cumer só x... está rirri só!

AC – Esse redo aqui pra queimar é bo sim aqle redu muscatero vim pra alquem por dentru mês com filhas deles filhos deles não para pescar com pexinhos porque ali mata todos pexinhos que podia crescer para matarmos noutro anos é redu muscaterus tiram todo para fora é exploração Moçambique.

AC – aquela moça sempre quando passa aqui anda isolata ninguém dali companhia eu atimirro do jeito que ela vive male parece que ningué toma conta dela [2X], o telefone que usa aquela moça we é movitel amarrato com borracha.

AC [diálogo com uma amiga, aqui chamamos de Olga] Olga – Estou a fualar com? AC – Esda fualar com homem então estou a perguntar você é casale? Olga – Por quê? AC – Você não é casale? Olga – Por quêeee? A pergunta? AC – Queria fualar uma conversa pra você animar. Olga – Ooo! Encontraste aonde meu númenro? AC – Não sei eu encotraste no meu telefone então eu telefone deixava com outro meu amigo. Olga – De nome? AC – Meu amico, meu amico levaste.

Fidamae 2X (FD) em 2022, produziu um vídeo com três amigos (os dois aqui apelidados de Leandro e Sílvio) sobre a copa do mundo 2022 com o seguinte teor: FD – Acarra Messi Acarra Messi ... já está ... acarra Messi acarra Messi ... a porque canguru tem muita força batemos canguru e arrancamos a bolça ... Leandro – Canguru sem força na pula imagina em Nampula ... Sílvio – aquilo chama-se papai ia Messi ... FD – Acarra Messi acarra Messi esquecerem».

Carla Duzenta (CD) em 2020 produziu o seguinte vídeo: CD – onte xtava turrumir num sofá em caça da minha socorra tirrepeni cove me subiu me subiu turrumiu turrumiu comecei a sonharri turrumi turrumi turrumi sape papo terrepente comecei a sonharri com as cosas que eu nunca esperava na vitam ter carro te luxu.

Deny Machava Jr. em 2020 postou a seguinte entrevista: Entrevistado – se cometer acaparam levando dinheiro, 500.000,00mt., Jornalista – as pessoas estavam armadas, como é que eram? Entrevistado – sim, um teles estava pistolado sim, tirou uma pistola e aí como eu não pudesse como eram dois ...

Ismael Lúra em 2022 publicou o seguinte vídeo: – Ele apareceu aqui em caça mascarato tinham uma máscara preta de cor laranja e tinha uma arma na mão me apontou arma na capeça e me tisse isso é um assalto vi ropar um par te sapato, ropou e fuchiu.

Mano Jacinto em 2022 postou a seguinte entrevista: Jornalista – são ratos nem mas em que esses ratos não são caseiros, posso pegar aqui nem, assim a cada torlim custa quanto? Vamos escolher aqui algumas pessoas que realmente vão precisar provar esse torlim. O quê que você sente mesmo sobre esse assunto aqui? Entrevistado 1 – Não sobre esse

assunto esse trolins anima mesmo ... Jornalista – Não sente um arrepio mesmo que, será que estou a comer o quê? Entrevistado 1 – Não! Jornalista – Nem nojo nem nada ... Entrevistado 1 – Nem nem nem ... Jornalista – Que tal? Entrevistado 2 – Está bom, mais ou menos. Jornalista – Como já é bom isso fica pra ti e vo comprar ali mas também um espeto pra poder levar em casa! Entrevistado 2 – Muito bem obrigado! Jornalista – Sim! Entrevistado 2 – Estarei muito grato por isso! Jornalista – Mais um espeto aqui! Entrevista 2 – É mesmo uma delícia! Jornalista – Humm ... Entrevistado 2 – Muito gostoso! Jornalista – Muito gostoso? Nossa ... aquilo já acabou? Entrevistado 2 – Humm ... [de boca cheia] muito obrigado por isso! Jornalista – Torlim! Total quanto aí? Oitenta no é? Entrevistado 3 – Opricato pelo jeito! Jornalista – Esta bom! Tem carne mesmo, vocês podem ver aí, o pessoal aqui diz que é gostoso! Entrevistado 4 – Esse carne saboreia muito ... hum ... nem valapena ... Um transeunte – [grita] é saboroso!

Dom Coelho (DC) em 2022 produziu o seguinte vídeo: – Pa pa pa! Lutar-se mano para mandar embora Português, mano era só deixar vivermos juntos, agora estão aí a correr quero vistos quero não sei o quê nacionalidade portuguesa, mano era deixar os gajos convivermos aqui, essa hora estaríamos a falar [como os portugueses], mas nada estamos a lutar como malta você disseste, queres dinheiros para ires subires chapas.

Tijoca Abdul Abdul em 2022 postou uma resposta para alguns dos seus seguidores e passamos a citar: Eu não quero deixar ficar aqui o nome da pessoa, o nome não, os nomes das pessoas que dizem que eu tenho que parar de falar macua, porque eu sou chique e não posso falar macua na Europa. Muito bem! É através de mim, pelos seguidores que eu tenho, que tenho que falar macua porque eu amo, não pelos seguidores, eu tenho que falar macua, porque eu amo, porque é minha origem, e não só, a Europa! Tem que saber, que existe macua, porque até sanita aqui perguntaram se tinha. Olhem para isso! E agora já sabem que existe macua. Durma! [beijo] Não vou parar! Tá bom! Um beijo enorme. Sinta vergonha você! Da tua origem! Eu não!

Igor Idelson em 2022 produziu um vídeo imitando os diferentes falares do Português Moçambicano, variantes faladas em Maputo, Nampula e Quelimane, Região Sul, Norte e Centro, respectivamente.

Memes El Proy 1 (MEP) em 2022, sob o rótulo Irmãos de Nampula vão nos matar um dia, postou um vídeo com o seguinte teor: He! Ei! Granta a merce merce fertuner mercetis.

MEP em 2022 publicou um diálogo telefónico entre um homem do Sul de Moçambique e uma senhora do Norte de Moçambique, Emakhuwa, onde há troca de injúrias xenófobas e preconceituosas mútuas – «não falo essa língua caralho pa! [...] shingondo [...]», diz o interlocutor do Sul, «porque estutaram muito vocês to Sul e nós não estutamos», repostou a interlocutora do Norte.

MEP – Estou com meus amigos taxistas culecas tudo, quem tisse taxista não vive a vita, são poucos taxistas que sabem birincari, são poucos, tem aí Matador, estrada nova, homens económicos, homens de economia [...].

Sob o rótulo – Mas quem provocou táxis moto de Nampula, MEP publicou o vídeo com o seguinte conteúdo: Essa! Quem tisse taxista não vive a vita, porque é taxista não pote se ambientar com pessoas, licenciadas que ganham bem, se você um taxista de qualquer maneira é porque ele num se gosta estomos aqui no H2K a gastar essa merta, não é aí no Matadore, estrada nova, que não sabe birincar, só falar mal dos outro, você apanha um taxista bem sujo, meu irmão, quanto tu me veres.

Sob o rótulo – «Mais uma vez Cultos dos irmãos de Nampula be like», MEP publicou o vídeo com o seguinte conteúdo: «De se patizado por patizado por João Patista, mas tendo convece-lo a mutar de ideia dizendo: Eu é que preciso ser patizado por você está querento me, está querento que Eu patize ...».

Sob o rótulo – Não está fáci isso [...] manas ajudem o irmão, MEP publicou o vídeo com o seguinte conteúdo: – ... tooo desde 2019 que não estou a namorar, puto me pacularam? Puto você se tem avô que é curandeiro puto vê lá o que fazes aí puto eu não estou a me sentir bem osso está doer está precisar abaraçar uma mulher sabe eu desde 2019 além da minha irmã ainda não abaracei nenhuma mulher eu aqui! Oviste! Se tens um curandeiro que é teua fuamília assim que pode me ajudar to a pedir falar com ele eu estou a precisar d’alguém na minha vida puto sabe puto sabe eu choro nem um te amo nam costume a ver aqui.

Sob o rótulo – Manos de Nampula tão a exagerar pa, MEP publicou o vídeo com o seguinte conteúdo: Ié! Energia num está, lambata se apacou! Hi!

Preto Bwe Lavado (PBL), em 2021, produziu o seguinte vídeo [um diálogo telefónico com a Beibe rotulado português de Nampula mano]: PBL – Alô! Beibe – Oi! PBL – Alô beibe! Beibe – Oi beibe tudo bem? PBL – Estou bem é... cont... contigo? Beibe – Ho! Aqui também está tudo bem andaca hades vir quanto? PBL – Quem? Beibe – Vocês hasde vir quando ver teu am... ver tua beibe aqui? PBL – Está bebádo, está beber [risos] bêbado.

PBL publicou um vídeo em que uma senhora é entrevistada como se segue: Entrevistada – Eu sou bonita! Entrevistador – Ok! Moça, queremos saber o que você aplicou na boca? Entrevistada – Piton! Entrevistador – Piton? Entrevistada – Pinton! Entrevistador – Piton? Diz *Bâton*! Entrevistada – Badon ... Entrevistador – «[risos] Badon [risos] essa gente é difícil ... Entrevistada – [risos] badon [risos].

PBL publicou um vídeo em que há um diálogo de um casal (Ângelo e Marta, nomes fictícios) como se segue: Ângelo – Esse chima é pra o quê? Marta – Pra você comeri! Ângelo – Mas pra eu comer essa chima assim, você lembra o médico me me faz operação alí, no hospitale, o médico o que me fualava, aquelas receitas o métrico, me recomentava o quê? O métrico não diz eu devo comeri sete bolas de chima, aqui chegaram sete bolas de chima aqui? Aqui chegaram sete bolas de chima, métrico me falou comer sete bolas de chima? Vai aumentar acora!

PBL publicou um vídeo de uma entrevista com o rotulo Nampula é outro nível mesmo como se segue: Entrevistador – o fácil é bater! Entrevistado – É pater! [risos].

PBL publicou um vídeo com o seguinte conteúdo: em teu nome, senhor Jesus, [apito] aconteceu, não coisa que não acontece, mas eu teste no tia que eu nasci nunca vi uma calinha a mijari [risos], mas pepe água só caga, um cato costa te comer mas não cozinha, pro caço te o quê? [risos, apito], mulheres moçampicanas, mulheres moçampicanas são punitas só uma goiza quanto tem sita nam fuala que me marido eu tem sita! [risos, apito] mulheres de pempa são puta, não falha nata, eu não rento, e mio spik engueles werri wollli language byby até tumoro ia hee tchau [apito, risos].

PBL publicou uma entrevista com o rótulo «Português de Nampula» decorrida da seguinte forma: Entrevistada – «É parra o populaçau baçar numa boa na estrata e borque chuva quanto chuva, chuver o chuva».

Belta94 (B94), em 2022, publicou uma entrevista rotulada de Nampula epha, que decorre nos seguintes termos: entrevistado – uma machampa pelomenuju uma pequena assim

para... passage, quanto ir conseguir para Muahio... Entrevistador – Você disse... sua mãe fez o quê? Entrevistado – hm! Muahio? Entrevistador – sua mãe? Entrevistado – cha ficamos na n n aqueles cha morremos ... me meu meu mama aqui, está construirmos com essa essa mana alí maji mana que está aí ponta aí está conjuntos e aquele apanhomos e aquele saímos cha morremos.

B94 publicou uma entrevista rotulada de Namicopo vai nos matar de tanto rir» nos termos seguintes: Entrevistadora – olá tia como está? Entrevistada – Esto bem. Entrevistadora – Como se chama? Entrevistada – Sim! Entrevistadora – Como se chama? Entrevistada – He mamba [fala em Emakhuwa].

B94 publicou uma reportagem rotulada de «português de nampula» (onde aparecem jovens (Jovem) a serem capturados pela Polícia por falta de máscaras e a fala de um repórter (Repórter) com o conteúdo descrito como se segue: jovem – «assunto aqui não é mascra foces querem tinhero wa! Mas tepois mascra [fala em Emakhuwa] ansim num ta [fala em Emakhuwa] ansim evo quexar minha pai, foces estão princar malé esse cuverno num trapalha. Repórter – Os chovens sempre tescutem com os polícias tizento que [fala em Emakhuwa] as pessoas fualam recalnam nas ruas as mascras sempre nos polsos de fualamos gue potemos usar sempre.

B94 publicou uma entrevista que decorre como se segue: entrevistador – como é que aconteceu? Entrevistado – Epha! Eu eu ouvi as vintenhuma, as vinte e uma em ponto, começou ventanhia vir maninque, até turraram todas barrotes alí com chapa, juntaram assim numa parte, pronto aqui ficou ar livre, tipois como ninha ventania assim mesmo aqui não tinha magi segurança, as vinte e duas caiu em todo lado aqui... epha... eu... Entrevistador – Ninguém se feriu...

Fidel (FD), em 2022, publicou um vídeo clip cuja letra diz o seguinte: taqui cinquentá, não aceito taqui cem, taqui marrapentá, não aqueita taqui cem, você neca nodas pequenas não se pro quê? A força conto um dos três, intimita nos peso quatro cinco ses, eramos três acora já estamos ses, és complicato tipo chinês, está gorrer tipo chaponês, és complexo tipo portuquês, és composto tipo química, digno tipo física, foce é átomo tipo geocarafia, [coro] todo dia online, ...

Rolder Calisto (RC), em 2022, publicou um rompimento⁵ de rua entre dois jovens (Rito e Júri(s), nomes fictícios) rotulado de Alcy não pode ver esse vídeo, que decorreu como passamos a descrever: Rito – vai te estapam, vai te chapar num chapa que vai a Muchilipo a Baixa [risos], os pedacinhos de lixo meterão na caixa, se eu le rompé chegar em gaza, não vai ter sono vai pensando machi [fala Emakhuwa] risos. Júri(s) – carrega puto!

Legy Memes (LM), em 2021, publicou um vídeo onde ela advoga pela causa de Alcy, nos seguintes termos: se é fã é porque costa to que a pessoa faz num é? Acora foces que texaram te le sequiri, teixaram te ser fã teli, ficaram revoltadas, ele apresentou tchutchuca tele, manas mothepa, Alcy vos prometeu em cassamento ou fus tisse que era quei.

Em síntese, entre os diálogos, as entrevistas, as reportagens e as (re)produções imitando conteúdos reportados, com pronúncias características do Português Moçambicano da Região Norte, enfatizando preconceitos social, linguístico e

⁵ Batalha de rua levada aos palcos para disputa entre os melhores fazedores de rimas, com assistência de público, árbitro(s) e júri(s) (pelos menos em Moçambique e Angola).

relacionados a educação, denuncia que esta ferramenta também está ao serviço do preconceito e entendemos que ela devia (deve) mostrar, positivamente, como as línguas do país reflectem a sua realidade sociocultural, colocando, de acordo com Weeb (1998) ênfase na igualdade de todas as línguas e dos padrões culturais de comportamento e da ausência de hierarquias entre línguas ou costumes culturais e promover o respeito e tolerância pelas diferentes formas de expressão, e da legitimidade e autenticidade de todas as outras línguas. O que observamos nestes vídeos curtos, diga-se, do ponto de vista de duração, mas infinitamente longos, do ponto de vista do preconceito por eles veiculados, é a intolerância usando como instrumento as variedades da língua portuguesa de Moçambique para inferiorizar as comunidades que a têm como segunda língua na Região Norte de Moçambique. A interlíngua que, de acordo com Weinrech (1953) apud Selinker (1972), uma estrutura psicológica latente no cérebro activada quando se tenta aprender uma segunda língua⁶ (tradução nossa), não pode ser o principal ónus para amealhar o maior número de seguidores na rede, como se observa nos vídeos.

3. Os bantu no Português moçambicano: *Quid multilinguístico*

Nesta secção, primeiro apresentamos a classificação genética das línguas africanas, com pretexto de introduzir as línguas bantu de Moçambique em contacto com a Língua Portuguesa que veio para o ultramar com o colono Português. Segundo, discutimos sobre o preconceito linguístico observado nos vídeos curtos do Tik Tok.

3.1. Classificação genética das línguas bantu de Moçambique

Esta subsecção apresenta a classificação genética das línguas bantu faladas em Moçambique. São essas línguas que coexistem com a língua portuguesa desde que ela chegou ao país com os colonos portugueses.

A existência das variedades do Português Moçambicano mostrada no esquema 1 encontra fundamento também em pesquisas (CUNHA; CINTRA, 1999; VILELA, 1995) sobre o Português em Moçambique como uma variedade não-crioula, com base do Português Europeu, emprego de vocábulos das línguas nacionais, com características fonológicas e gramaticais que variam de região para região. De acordo com Leiria et al. (2006) apud Pereira e Martins (2009) a L1 é uma língua genética e tipologicamente

⁶«we assume that there is such psychological structure and that it is latent in the brain activated when one attempts to learn a second language» (WEINRECH, 1953 apud SELINKER, 1972, p. 211).

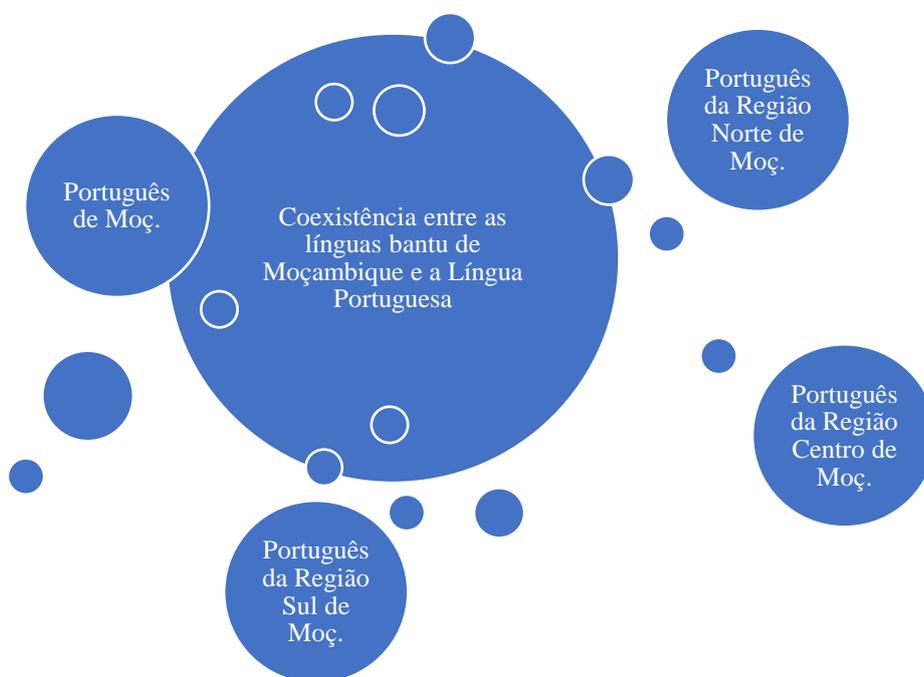
afastada do Português; em dado momento, esta língua pode ter sido abandonada e substituída por uma variedade não escolarizada do Português. E, se quisermos ser justos, cada uma dessas variantes do PM deve ser respeitada e valorizada, para não incorreremos às intolerâncias linguísticas que aqui configuramos como preconceito linguístico.

No século XIX, época em que pesquisadores portugueses observaram semelhanças entre as línguas de Moçambique, Angola e Congo, prenúncio de afinidades entre as línguas bantu na maior parte do terço meridional do continente, àquelas hipóteses constituíram a base do desenvolvimento da linguística histórico-comparativa. Lichtenstein (1811-1812) apud Greenberg (2010) distinguiu as línguas bantu das khoi e san, entre as línguas da África do Sul. O termo bantu, de acordo com Greenberg (2010, p. 320), significa «“homens” em um grande número dessas línguas», proposto por Bleek (1851) apud Greenberg (2010, p. 320) que «estabeleceu as bases do estudo comparativo das línguas bantu», em que a classificação nominal não se baseia no sexo. Greenberg (2010) especifica as línguas bantu como subgrupo do sudanês ocidental com o nome de níger-congo. A família Niger-Kordofaniana possui dois ramos: o níger-congo e o kordofaniano. O primeiro ramo subdivide-se entre as línguas mande e o restante. As línguas mande podem ser classificadas em grupos do Noroeste, do Sudeste e outras línguas, que são classificadas em cinco ramos. Na classificação das outras línguas, apresentada por Greenberg (1963) apud Greenberg (2010), atamo-nos ao subgrupo 4, benue-congo, dividido em quatro subgrupos: línguas do planalto, jukunóide, rio Cross e bantóide. Em rigor, o grupo bantóide, de onde, geneticamente, derivam as línguas bantu de Moçambique, que nesta pesquisa limita-se a Emakhuwa⁷, de acordo com Guthrie (1948), localizada na Zona P30. A seguir apresentamos algumas características das línguas bantu de Moçambique que influenciam na realização de consoantes da língua portuguesa quando comparadas a norma do PE. O esquema 1, inspirado no conceito de contacto, representa o início de um esboço da «coexistência de duas ou mais línguas na mesma comunidade linguística que conduz a fenómenos de interferência – fonética, morfológica, semântica – mútua» (XAVIER; MATEUS, 1990, p. 99), neste caso entre as línguas bantu de Moçambique e a Língua Portuguesa oriunda da Europa desde a chegada dos colonos Portugueses, há mais de 500 anos (senso comum). A seguir veja o esboço

⁷ Com as seguintes variedades: Emakhuwa, Ekoti, Enahara, Esaaka, Esankaci, Emarevoni, Elomwe, na província de Nampula; Emeetto e Esaaka, na província de Cabo Delgado; Exirima, Emakhuwa, Emeetto, na província do Niassa; Emakhuwa, Elomwe, Emarevoni, na província da Zambézia. Nota, com a excepção de Ekoti, todas as línguas (variedades) apresentadas têm escrita padronizada (NGUNGA; FAQUIR, 2011).

inicial da coexistência entre bantu de Moçambique e as variantes da Línguas Portuguesa de Moçambique:

Esquema 1: As variedades do Português moçambicano



Fonte: o autor (2023)

O que caracteriza a(s) variedade(s) do Português de Moçambique? Antes responder a esta pergunta, e explicar o esquema 1, informamos que o parâmetro usado para as comparações é o Português Europeu, a referência do Acordo Ortográfico (BERGSTRÖM; REIS, 1988). Goenha (2022, p. 70) advoga que a «Constituição da República estabelece apenas que a Língua Portuguesa é a língua oficial e não especifica qual a norma a adoptar ou em adopção deduzindo-se apenas que é a norma do Português Europeu, dada a condição privilegiada de Portugal de ex-potência colonizadora» ou, como refere Gonçalves (2010, p. 14), «os modelos “puros” e superiores criados pelos

colonizadores», mas em Moçambique, de acordo com Timbane e Berlinck (2012, p. 207), «a norma-padrão perde espaço dando lugar ao português moçambicano que tem características próprias do contexto sociolinguístico do país». No contexto da norma-padrão “conhecer português” é dominá-la tal como a gramática normativa instrui, o preconceito é mais profundo ainda, uma vez que o sotaque é incluso como requisito para quem deseja falar um “bom português” (TIMBANE, 2019, grifo do autor). À questão colocada no início deste parágrafo, de acordo com Gonçalves (2010, p. 13), «a variedade moçambicana do português está a emergir num contexto multilingue, onde a maior parte das línguas maternas dos falantes pertencem à família bantu». Segundo a autora ora citada, até os finais dos anos 70 em Moçambique não havia uma variedade do português, com as suas novas propriedades gramaticais estabilizadas, difundida ao longo do país falada por adultos. Nos meados dos anos 80 os investigadores (RAPOSO, 1984; GONÇALVES, 1985; FIRMINO, 1987) manifestavam reservas argumentando que ainda não podiam determinar com exactidão as propriedades linguísticas da variedade, todavia, as especificidades do português moçambicano se distribuem ao longo de um *continuum* polilectal. As características da variedade falada pela comunidade alfabetizada apresenta propriedades e regras que a distinguem do padrão com carácter estável e distribuem-se de forma mais regular assegurando as generalizações sobre a sua gramática (GONÇALVES, 2010), por exemplo, os traços de subcategorização dos verbos e padrões de ordem dos pronomes pessoais átonos, fenómenos de variação comum a todas as variedades africanas do português (GONÇALVES, 2010), mas não se pode dizer o mesmo das variedades faladas pelas comunidades não alfabetizadas que, em geral, apresentam traços, na produção oral, tendendo para estabelecer a sequência consoante-vogal com estrutura típica da vogal (GONÇALVES, 2010; TAELA, 2022), um fenómeno que desencadeia efeitos diversos no sistema fónico, alguns exemplos, (1) introduzir uma vogal depois de sílabas terminadas em consoantes (palavra *abrir*, PE [a'brir] ≠ PM [a'briri]; palavra *ritmo*, PE [ˈritmu] ≠ PM [ˈritimu]); (2) para usar vogais [e] e [i] nos casos em que no PE ocorre a vogal [ə] (palavra *querido*, PE [ˈkridu] ≠ PM [ki'ridu] ou [ke'ridu]; palavra *teme*, PE [ˈtem] ≠ PM [ˈtemi] e (3) para pronunciar as vogais átonas do PE como vogais abertas ou semiabertas [a] e [u] (palavra *macaco*, PE [ma'kaku] ≠ PM [ma'kaku]; palavra *colega*, PE [ku'lega] ≠ PM [ko'lega]) (GONÇALVES, 2010).

Especificamente, para a Região Norte apresentamos as características fonéticas representativas da língua Emakhuwa⁸, na Região Centro apresentamos as características fonéticas representativas da língua Cinyanja⁹ e na Região Sul apresentamos as características fonéticas representativas da língua Xichangana¹⁰. A escolha destas línguas bantu de Moçambique deveu-se ao número de falantes que cada uma delas tem em relação as demais línguas bantu da região. Na Região Norte de Moçambique, influenciada pela Emakhuwa, língua bantu de Moçambique com maior número de falantes (INE, 2017), que «não contém as consoantes oclusivas vozeadas [b], [d] ou [g]» (SITOI; NGUNGA, 2000 apud GONÇALVES, 2010), conseqüentemente, os falantes que a têm como L1 tendem a pronunciar as palavras *digo* e *bolo* como [ˈtiku] e [ˈpolu] (GONÇALVE, 2010) ou, como Bambo (2022) preferiu dizer, com preconceito linguístico, constituído maioritariamente por *peças que mal pronunciam as consoantes* [...] devido à influência de factores sócio-culturais» (grifo meu), os mesmos factores que influenciam para a troca das consoantes [+voz] por [-voz], facto que resulta da ausência de consoante oclusivas orais [+voz] na Emakhuwa, o que contribui para que falantes dessa língua não realizem essas consoantes de acordo com o PE (BAMBO, 2022). Na Região Centro de Moçambique, influenciada pela Cinyanja, língua que contém consoantes especiais e / ou marginais oclusivas vozeadas explosivas [bh] e [dh] para se distinguirem das implosivas [b] e [d] e os par dos sons [l] e [r] não é distintivo (NGUNGA; FAQUIR, 2011), ou seja, um dos membros de cada par pode ser substituído pelo outro membro do mesmo par sem afectar o significado da palavra onde ocorre (ex.: Cinyanja, *galimoti ilo* vs *galimoti iro*, Português, “aquele carro”). Conseqüentemente, os falantes que a têm como L1 tendem a pronunciar as palavras *dedo* e *banhar* (PE [ˈdedu] ≠ PM [ˈdhedu] e PE [baˈnar] ≠ PM [bhaˈnar]), para o primeiro caso, e as palavras *prato* e *barro* (PE [ˈpratu] ≠ PM [ˈplatu] e PE [ˈbaru] PM [ˈbalu] para o segundo caso. Os falantes tendem a pronunciar as palavras em português realizando-as com as consoantes especiais oclusivas explosivas, e indiscriminadamente, realizam o som [l] em vez de [r] e vice-versa, em palavras em português. Na Região Sul de Moçambique, influenciada pela Xichangana, uma das línguas bantu de Moçambique nessa Região, «cujo sistema fonológico possui apenas a vibrante dupla [r] e não tem uma vibrante simples» [r] (SITOE; NGUNGA, 2000), de

⁸ Falada por cerca de 5.813.083 pessoas em Moçambique (INE, 2017).

⁹ Falada por cerca de 1.790.831 pessoas em Moçambique (INE, 2017).

¹⁰ Falada por cerca de 1.919.217 pessoas em Moçambique (INE, 2017).

acordo com a autora que temos vindo a citar, pode criar condições para, em palavras como *areia* ou *herói*, o [r] seja pronunciado como [r] e / ou por hipercorreção em palavras como *carro* ou *morrer* o [r] seja pronunciado como [r] (GONÇALVES, 2010), para o primeiro caso, PE [er'eiv] ≠ PM [a'reia] ou PE [er'oi] ≠ PM [er'oi] e / ou, para o segundo caso, PE [ˈkaru] ≠ PM [ˈkaru] ou PE [mur'er] ≠ PM [mor'er]. A diversidade fonética no Português Moçambicano, influenciada pelas línguas bantu de Moçambique, não deveria e nem deve servir de motivo ou instrumento para se perpetuar o preconceito linguístico, buscando legitimar variantes A ou B, inferiorizando variantes A ou B, como acontece nos vídeos que passamos a discutir a seguir.

3.2. *Quid* multilinguístico: Português moçambicano sem preconceito linguístico

Esta subsecção discute sobre os preconceitos observados nos vídeos publicados no Tik Tok. Em primeiro lugar são analisados os preconceitos considerados explícitos inclusive com “rótulos” indicativos de preconceito linguístico. Em segundo lugar são analisados os preconceitos considerados implícitos, subjacentes às paródias supostamente “criativas” dos autores, que, como instrumentos ao serviço do preconceito linguístico, ridicularizam o português moçambicano falado na Região Norte.

Os vídeos observados indicam a tendência clara para a promoção do preconceito linguístico através deste aplicativo de rede social. A observar que há alguns vídeos explícitos rotulados com essa intenção como: «irmãos de Nampula vão nos matar um dia» (MEP), por pronunciar «Granta» (PM) em vez de *grande* (norma-padrão); ou «Mais uma vez Cultos dos irmãos de Nampula be like», por pronunciar «patizado» (PM) em vez de *baptizado* (norma-padrão), «Patista» (PM) em vez de *Baptista* (norma-padrão), «mutar» (PM) em vez de *mudar* (norma-padrão), «querento» (PM) em vez de *querendo* (norma-padrão); ou «Manos de Nampula tão a exagerar pa», por pronunciar «lambata» (PM) em vez de *lâmpada* (norma-padrão), «apacou» (PM) em vez de *apagou* (norma-padrão); ou «Nampula é outro nível mesmo», por pronunciar «pater» (PM) em vez de *bater* (norma-padrão); ou «Português de Nampula», por pronunciar «populaçau» (PM) em vez de *população* (norma-padrão), «baçar» (PM) em vez de *passar* (norma-padrão), «estrata» (PM) em vez de *estrada* (norma-padrão), «borque» (PM) em vez de *porque* (norma-

padrão), «quanto» (PM) em vez de *quando* (norma padrão); ou «Nampula epha», por pronunciar «machampa» (PM) em vez de *machamba*¹¹ (PM), «pelomenuju» (PM) em vez de *pelo menos* (norma-padrão), «quanto» (PM) em vez de *quando* (norma-padrão), «cha ... cha» (PM) em vez de *já ... já* (norma-padrão), «maji» (PM) em vez de *mas* (norma-padrão), «conjuntos» (PM) em vez de *juntos* (norma-padrão); ou «português de nampula», por pronunciar «foces» (PM) em vez de *vocês* (norma-padrão), «tinhero» (PM) em vez de *dinheiro* (norma-padrão), «tepois» (PM) em vez de *depois* (norma-padrão), «ansim num ta» (PM) em vez de *assim não dá* (norma-padrão), «princar» (PM) em vez de *brincar* (norma-padrão), «malé» (PM) em vez de *mal* (norma-padrão), «cuverno» (PM) em vez de *governo* (norma-padrão), «trapalha» (PM) em vez de *trabalha* (norma-padrão), «chovens» (PM) em vez de *jovens* (norma-padrão), «tescutem» (PM) em vez de *discutem* (norma-padrão), «tizento» (PM) em vez de *dizendo* (norma-padrão), «polsos» (PM) em vez de *bolsos* (norma-padrão), «gue» (PM) em vez de *que* (norma-padrão), «potemos» (PM) em vez de *podemos* (norma-padrão), «ussar [ou uçar]» (PM) em vez de *usar* (norma-padrão).

Há um inventário (a considerar) de palavras ou grupo de palavras, em português moçambicano, faladas na Região Norte que distinguem as duas línguas (PM do PE), apesar de haver esforços exógenos (aqueles que tudo fazem para continuarmos neocolonizados linguisticamente) e endógenos (aqueles que pertencendo as comunidades falantes do português moçambicano procuram impor a norma-padrão às variantes que se distinguem da sua) para ridicularizar, inferiorizar, neocolonizar, subalternizar a língua portuguesa falada por essas comunidades, pelo menos a avaliar pelas paródias (preconceito linguístico manifesto de forma implícita) que observamos, destacando palavras do português moçambicano da Região Norte como: «taqui» (PM) em vez de *daqui* (norma-padrão), «naoquem» em vez de *ninguém* (norma-padrão), «turrumiri» (PM) em vez de *dormi* (norma-padrão), «tirrepente» (PM) em vez de *de repente* (norma-padrão), «sonharri» (PM) em vez de *sonhar* (norma-padrão), «caça [ou cassa]» (PM) em vez de *casa* (norma-padrão), «ta» (PM) em vez de *da* (norma-padrão), «vita» (PM) em vez de *vida* (norma-padrão), «te» (PM) em vez de *de* (norma-padrão), «latarão» (PM) em vez de *ladrão* (norma-padrão), «ropar» (PM) em vez de *roubar* (norma-padrão), «tinhero» (PM) em vez de *dinheiro* (norma-padrão), «fertate» (PM) em vez de *verdade*

¹¹ «S.f. (Moçambique) terreno agrícola» (TEXTO EDITORES, 2008, p. 953).

(norma-padrão), em paródias musicais que subjagam a variante do português moçambicano que se distingue, também, por essas características fonéticas.

Em diálogos paródicos expondo a língua, não só ao preconceito linguístico, como também ao preconceito sociocultural, insinuando comportamentos daquela comunidade e povo: «hospitale» (PM) em vez de *hospital* (norma-padrão), «mético» (PM) em vez de *médico* (norma-padrão), «recomentava» (PM) em vez de *recomendava* (norma-padrão), «comeri» (PM) em vez de *comer* (norma-padrão), «acora» (PM) em vez de *agora* (norma-padrão), «opricato» (PM) em vez de *obrigado* (norma-padrão), «torlim» (PM) em vez de *rato* (norma-padrão), «coiça» (PM) em vez de *coisa* (norma-padrão), «tiscutir» (PM) em vez de *discutir* (norma-padrão), «comicu» (PM) em vez de *comigo* (norma-padrão), «panho» (PM) em vez de *banho* (norma-padrão), «poca» (PM) em vez de *boca* (norma-padrão), com questionamentos carregados de preconceitos como: «o quê que você sente mesmo sobre esse assunto aqui?» «Não sente um arrepio mesmo que, será que estou a comer o quê?» «Nem nojo nem nada?» inclusive a leitura pública da Bíblia Sagrada foi alvo do preconceito «... patizado por João Patista, mas tendo convencê-lo a mutar de ideia dizendo: Eu é que preciso ser patizado por você está querento me, ...» Fica também implícito que os mentores dos preconceitos, pelo menos o linguístico, usam como base para inferiorizar a variante que tem como alvo algum conhecimento gramatical, a avaliar, pelos exemplo, «porque estutaram muito focês to Sul e nós não estutamos?», ou a referência a escola que é feita diálogo AC *versus* «B – nem purtuquegi não sabe falari você nunca stutou». Entende-se que o B compreende que a escola é prescritora da norma-padrão da língua portuguesa. Os sons a negrito é que estão implicados em relação aos sons da norma-padrão: [p] em vez de [b], [d] em vez de [t] ou vice-versa, [f] em vez de [v], [k] em vez de [g] e a introdução da vogal [i] depois das sílabas terminadas em consoantes /s/ e /r/, respectivamente.

A promoção do preconceito linguístico através deste aplicativo de rede social, com a reprodução de diálogos em paródias expondo a língua, não só ao preconceito linguístico, como também ao preconceito sociocultural, não valoriza a diversidade cultural, ao multilinguismo e, como comprovado em estudos (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010; TOMASELLO, 1998; GIVÓN, 1995; THOMPSON; LAKOFF, 1987; HOPPER, 1980 apud CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020), ao facto do sistema da língua ser moldado no uso, onde os componentes sintático, semântico e pragmático funcionam integradamente, o que

condiciona, em parte, o facto dos falantes do português do norte de Moçambique, não produzirem sons + vozeados em palavras do português falado fora de Moçambique que assim o exigem.

Ao contrario dos sujeitos desta pesquisa, advogamos que os discursos que são objeto de preconceito linguístico têm embasamento no pressuposto teórico comungado entre a Linguística Cognitiva, a Linguística Aplicada e a Linguística Funcional Centrada no Uso (CAVACALTEN; SILVA; OLIVEIRA, 2020), segundo o qual o sistema linguístico é estruturado e reestruturado pelo uso que os falantes fazem das expressões linguísticas em condições reais de produção da linguagem, onde a língua é um instrumento de interação social que deve ser descrita e explicada a partir do esquema efetivo da interação verbal.

Os discursos objecto de preconceito linguístico resultam da interação verbal entre sujeitos da mesma ou de comunidades linguísticas diferentes (Moçambique é um país multilingue) que fazem o uso da língua portuguesa para se comunicar em diferentes ocasiões, como é o caso do cidadão que disse «as vinte e uma em ponto, começou *ventanhia*¹² vir *maninque*¹³» (B94 Entrevistador), numa entrevista que concedeu a um órgão de comunicação social local em português em uso na zona norte de Moçambique.

Se quisermos considerar o raciocínio apresentado por Bagno (2007), um paralelo com o que é referido em relação ao Português Brasileiro e o número dos gramáticos e defensores da gramática prescritiva, podemos afirmar que há mais moçambicanos a falar a língua Emakhuwa como L1, 5.813.083 habitantes (INE, 2017), em relação aos que falam a tão aclamada língua “portuguesa culta”, “bem falada” ou “europeia”, que de acordo com o último Censo são 3.686.890 habitantes (INE, 2017) que têm como L1. E que se diga, nem se quer é o Português Europeu “vernáculo”, como querem fazer parecer os que se posicionam contra as variantes do português moçambicano. Assim sendo, que variante devia ser hegemónica, se formos por este caminho? A que tem o maior número de falantes? Ou a que tem menor número de falantes e busca inferiorizar as outras? Sem deixar de lado o facto que parte do universo dos que têm o português como L1 residem na Região Norte de Moçambique e podem ter sofrido influencias do contexto sociocultural da Emakhuwa.

¹² Vento.

¹³ Muito.

Considerações finais

O artigo investigou sobre os discursos no Tik Tok. Os resultados mostram que os (1) discursos decorrem do preconceito linguístico, que resulta da (2) intolerância da fala característica das comunidades da Região Norte de Moçambique ajuizada, também, pela (3) influência do ensino da gramática escolar que privilegia os métodos tradicionais do ensino da língua, “falar como se escreve”, uma norma que está a se situar distante de como é usada a língua em Moçambique, colocando em debates as áreas da fonética, sintaxe, semântica e quiçá morfológica da gramática da Língua Portuguesa, como um organismo vivo. Os sujeitos desta pesquisa são leigos profissionais de letras e linguística, mas bons observadores e criadores de conteúdos nas redes sociais. Por isso, em jeito de considerações não-finais, o que os sujeitos fazem resulta da ignorância, para além do desconhecimento dos fenómenos linguísticos que os permeia e transforma em promotores de preconceitos linguísticos, motivados pelos números de seguidores na rede social que alimentam essa criatividade preconceituosa em relação a diversidade sociocultural que caracteriza Moçambique.

Para pesquisas subsequentes, com os dados observados, far-se-ão (1) Análises ao nível semântico e categorial (PM quanto \neq quando PE?) e ao nível (2) sintático (concordância em número e em género entre os constituintes frásicos no PM \neq PE?) no português moçambicano de olho no preconceito linguístico que se observa em relação a “norma culta”.

Referências

- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAMBO, P. A troca de consoantes oclusivas orais no Português de Moçambique por falantes nativos do Emakhuwa. In: DIAS, H. N. & TAELA, I. E. *Português Moçambicano I*. Maputo: Alcance, 2022. Cap. 1. p. 128-138.
- BERGSTRÖM, M. & REIS, N. *Prontuário Ortográfico e guia da língua portuguesa*. Edição especial. Lisboa: Notícia, 1988.
- CAVALCANTE, S. A. S.; SILVA, L. A. & OLIVEIRA, T. L. Funcionalismo linguístico: a língua em uso. In: LIMA, Á. H. V.; SOARES, M. E. & CAVALCANTE, S. A. S. (Org.). *Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer*. Vol. 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. Cap. 4. p. 103-140.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15. ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1999.

- DIAS, H. N. A norma padrão e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos Meios de Comunicação de Massas em Moçambique. In: _____. (Org.). *Português Moçambicano: estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária, 2009. cap. 16. p. 404-420.
- FELIX, V. H. O que é Tik Tok? In: MOBILON, T.; HIGA, P. & VENTURA, F. *Tecnoblog*. Brasil, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/>. Acessado em 10 de jan. 2023.
- FERRÃO, V. *Compreender Moçambique*. Maputo: DINAME, 2002.
- FIRMINO, G. *Alguns problemas da normatização do português em Moçambique*. Maputo: Limani, 1987.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOENHA, A. Política linguística: Acordo Ortográfico e dilema em Moçambique. DIAS, H. N. & TAELA, I. E. *Português Moçambicano II*. Maputo: Alcance, 2022. cap. 6. p. 67-74.
- GONÇALVES, P. *A génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- GONÇALVES, P. Situação actual da língua portuguesa em Moçambique. In: *Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. Actas, vol. 1. p. 243-251.
- GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África: parte I. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 12. p. 317-336.
- GUTHRIE, M. *The Classification of the Bantu Languages bound with Bantu Word Division*. London: Oxford University Express, 1948.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). *IV Recenseamento Geral da População e Habitação*. Maputo: INE, 2017.
- LUÍS, M. *Características de um padrão de Português Moçambicano emergente em contexto escolar*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 2004.
- NGUNGA, A. & FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2011.
- PEREIRA, I. & MARTÍNS, C. Metodologias de ensino de PL2 à medida dos aprendentes. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Metodologias e Materiais para o ensino do Português como Língua Não Materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. p. 31-36.
- REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Constituição (2004). *Constituição da República de Moçambique*. 3. ed. Maputo: alcance. Coordenado por Cátia Fernandes.

- RAPOSO, E. Algumas observações sobre a noção de língua portuguesa. *Boletim de filologia*. XXIX. 1984. p. 585-592.
- SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL*, v. 10, p. 209-231, 1972.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. rev. act. 5. reimp. São Paulo: Cortez, 2010.
- TAELA, I. E. Português Moçambicano: Marcas e tendências. DIAS, H. N. & TAELA, I. E. *Português Moçambicano II*. Maputo: Alcance, 2022. cap. 1. p. 10-18.
- TEXTO EDITORES. *Dicionário integral: Língua Portuguesa*. 9. ed. Lisboa: Texto, 2008.
- TIMBANE, A. A. *Preconceito Linguístico em Moçambique*. Sexta-feira, 08.03.2013. Disponível em: <http://timbane.blogspot.com/2013/03/preconceito-linguistico-em-mocambique.html>. Acessado em 06 de jan. 2023.
- TIMBANE, A. A. A influência da política linguística nas desigualdades sociais em Moçambique: opressão, exclusão e preconceito linguístico. *Conference Paper*, 2019. Disponível em: [Lusophone_workshop.pdf](#). Acessado em 07 de jan. 2023.
- TIMBANE, A. A. & BERLINCK, R. de A. *A Norma-Padrão Europeia e a Mudança Linguística na Escola Moçambicana*. Niterói, n. 32, p. 207-227, 1. sem. 2012.
- VILELA, M. *Léxico e Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.
- XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. M. *Dicionário de Termos Linguísticos*. 1. Vol. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1990.
- WEBB, V. Ensino multicultural da língua. In: STROUD, C. & TUZINE, A. (Org.). *Uso de línguas africanas no Ensino: problemas e perspectivas*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1998. Cap. 2. p. 69-88.